

O DISCURSO FEMININO EM A *BOLSA AMARELA*: A BUSCA PELA LIBERTAÇÃO DA MULHER

Sirlene Cristóvão

Doutoranda em Estudos Literários e Culturas Românicas – Universidade do Porto

Resumo: A escritora brasileira, Lygia Bojunga Nunes, ao pensar na literatura como uma possibilidade de contribuir para a formação ideológica do povo brasileiro utiliza as suas obras infantis e juvenis como um compromisso social. Por meio de suas obras literárias denuncia e favorece reflexões sobre várias questões, entre elas, o preconceito contra a mulher. O artigo pretende contextualizar a escritora contemporânea Lygia Bojunga Nunes no seu tempo e no seu espaço literário e também refletir sobre um dos temas importantes de uma de suas narrativas, *A bolsa amarela*, que trata dos problemas existentes nas relações humanas e que faculta uma crítica contundente ao preconceito contra a mulher.

Palavras-chave: Literatura Infantil brasileira – Lygia Bojunga Nunes. Lygia Bojunga Nunes – *A bolsa amarela*. Mulher – Tema literário.

Abstract: The Brazilian author Lygia Bojunga Nunes, to think of literature as an opportunity to contribute to the ideological formation of the Brazilian people use their works for children and youths as a social commitment. Through his literary and denounces favors reflections on various issues, among them, the prejudice against women. The article aims to contextualize the contemporary writer Lygia Bojunga Nunes in his time and his literary space and also reflect on an important topic of one of his stories, *A Bolsa Amarela*, which deals with problems in human relations and provides a scathing critique of prejudice against women.

Keywords: Brazilian Children's Literature – Lygia Bojunga Nunes. Lygia Bojunga Nunes – *A bolsa amarela*. Woman – Literary Theme.

Introdução

A escritora brasileira, Lygia Bojunga Nunes, ao pensar na literatura como uma possibilidade de contribuir para a formação ideológica do povo brasileiro utiliza as suas obras infantis e juvenis como um compromisso social. Por meio de suas obras literárias denuncia e favorece reflexões sobre várias questões, entre elas, o preconceito contra a mulher.

Conforme refere Jacqueline Held “dar à criança o gosto pelo conto e alimentá-la com narrações fantásticas, se escolhidas com discernimento, é acelerar essa maturação com

manipulação flexível e lúcida da realidade real imaginário” (HELD, 1980, p. 53). E assim, pelo motivo de viver num continente conhecido pelos seus contos fantásticos e realismo mágico, eternizou estes valores, o que a tornou numa excelente representante da literatura infanto-juvenil. Nas suas narrativas, repletas de agradáveis fantasias, que têm por fundamento elementos tomados do real, a autora debate os problemas sociais resultantes da ideologia dominante: a ditadura militar. No entanto, Nunes não deixava de se preocupar com a função lúdica.

A autora revela-se na área da literatura infanto-juvenil que, como está implícito, é dedicada aos jovens e crianças, tendo tido uma boa recepção tanto pelos leitores juvenis, quanto pela crítica. Portanto, Nunes será aclamada como uma das mais representantes autoras da literatura infantil e juvenil e os seus livros sempre foram objetos de destaque no Brasil. Além do dom da narrativa escrita, a escritora também apresenta o dom da narrativa oral e costuma apresentar-se em público com monólogos dramáticos. Nunes adaptou alguns dos seus textos de ficção para peça para teatro. Nas narrativas orais, a tônica está muitas vezes na própria narrativa, que utiliza tons poéticos e humorísticos, e na sensação de liberdade que brota através do “maravilhoso e do fantástico”, mundo onde tudo é possível. A maneira como Lygia Bojunga Nunes deixa as cores exprimirem emoções, contribui fortemente para a sensacional beleza das suas narrativas.

Em *A bolsa amarela*, o terceiro livro da autora, publicado em 1976, encontramos o ilusório sempre existente nas suas narrativas, e que aqui atinge perfeitamente o equilíbrio ideal entre a liberdade e as limitações do real. Por vezes a escritora escolhe permanecer na realidade e, através do seu olhar psicológico tocante, debruça-se sobre temas que abordam problemáticas como as relações humanas. Lygia Bojunga, por meio do seu perfeito domínio da técnica na construção da narrativa e a excelente união do individual e do social inventa um novo “exemplo” na literatura infantil e juvenil, pois suas obras inovam na crítica lúdica e abordam a realidade social com o intuito de mostrar ao leitor que a vida não está pré-ordenada.

O realismo mágico e a psicologia reúnem-se numa obsessão pelo social e pela democracia. A escritora, que iniciou a sua atividade quando ainda no Brasil vigorava a ditadura, foi uma ativista da resistência. Esta luta surge depois transposta para o domínio da literatura infantil já que, segundo a escritora, os generais não liam livros

destinados a crianças e adolescentes. Nestas narrativas, encontramos personagens maravilhosas que se insurgem contra a desigualdade entre os sexos e também contra a diferença social. Porém, Lygia Bojunga nunca utiliza um discurso de admoestação, já que o importante é a tomada de consciencialização e esta sempre feita de uma maneira “maravilhosamente” bem-humorada.

Para a autora, o dia-a-dia, o cotidiano, encontra-se repleto de encantamento e de bom humor: onde despertam os desejos tão intensos que não são possíveis sustentá-los, onde personagens como alfinetes e guarda-chuvas dialogam tão convincentemente como os peões e as bolas, onde animais e objetos vivem vidas tão diversificadas e vulneráveis como as das pessoas. Imperceptivelmente, o lado definido e preciso da realidade transforma-se num mundo imaginário através do mundo do real. No interior da fantasia, que é o mundo da escrita, está a criança, muitas vezes só, sentindo-se abandonada, sempre emotiva e cheia de fantasias. A sua obra sempre plena de particularidades e sobretudo rica em imagens simbólicas e personagens fantásticas torna possíveis novas interpretações, de acordo com a perspectiva e as necessidades de cada leitor e evidencia, assim, a concepção inovadora de Lygia Bojunga Nunes.

Lygia Bojunga: re(des)construindo a ideia preordenada

Entre os autores contemporâneos que escrevem para crianças e jovens, a escritora Lygia Bojunga destaca-se por confirmar em toda a sua obra uma certa peculiaridade literária. Tal como, as autoras Lygia Fagundes Telles, Cecília Meirelles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, entre outras contemporâneas femininas, Lygia Bojunga Nunes encontra-se também, intensamente ligada à libertação da mulher por meio das ideologias de suas narrativas. Nos livros escritos pela referida autora os assuntos sugestivamente nos remetem para o universo feminino. Deste modo, as suas narrativas se enchem de fantasias com a finalidade de discutir comportamentos sociais, frutos de convicções dominadoras. A este respeito recordemos as palavras de Lígia Cadernartori:

O mundo ficcional de Lygia Bojunga se arma a partir da infância, mas atinge temas adultos como as relações de poder e a repressão à liberdade de expressão no contexto social. Propiciando ao pequeno leitor a identificação com situações que afetam as personagens infantis e que, por encontrarem eco

na vivências da criança que lê, permitem adesão ao mundo ficcional (CADERMARTORI, 2006, p. 64).

A finalidade de Lygia Bojunga discutir em suas narrativas tais comportamentos sociais é a de proporcionar ao leitor “o conhecimento do mundo” e também o “conhecimento do seu próprio ser”. Podemos dizer que em sua narrativa encontramos a função humanizadora, a qual permite representar, cognitiva ou sugestivamente, a realidade social e também a fantasia. A respeito dessa função humanizadora, Antonio Candido ressalta que,

[S]e fosse possível pensar nas palavras como tijolos de uma construção, esses tijolos representariam um modo de organização da matéria, sendo este o primeiro nível humanizador, pois, enquanto organização, exerceriam um papel ordenador sobre nossa mente, sentimentos e visões de mundo. Sendo a literatura o caos organizado em forma de palavras, esse carácter de coisa organizada organizaria nosso caos interior e nos humanizaria. De acordo com o crítico, “ Toda obra literária pressupõe esta superação do caos; determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido” (CANDIDO, 1989, p. 115).

Podemos dizer que a conjunção entre fantasia e realidade contidas em *A bolsa amarela* constroem um mundo coerente, racional, e, simultaneamente, alimentam-se da fantasia e do imaginário de Lygia Bojunga. Desta forma, concilia a racionalidade da linguagem com a ficção, em que ao mesmo tempo que rege a criação imaginária, não se afasta do contato com a realidade. Devido a esta característica ambivalente, a narrativa provoca um efeito também duplo no leitor: aciona sua imaginação e fantasia e desencadeia uma posição intelectual. Na medida em que atua tanto no âmbito individual, como no social: no social transporta-o para um mundo que, por mais longe que esteja do cotidiano, leva-o a refletir e a enriquecer a sua vivência e a sua experiência. Já no âmbito social permite que o leitor socialize a sua experiência de leitura, compartilhando-a com outros leitores para a troca de ideias e opiniões.

Portanto, podemos dizer que os contos infantis e juvenis, entre eles, *A bolsa amarela*, reconfiguram o mundo e ainda, segundo Maria Antónia Jardim “podem fazer-nos ter em conta o papel da imaginação e da dimensão afetiva da nossa vida, visto que existir uma dimensão prediscursiva e imaginativa que orienta as nossas escolhas” (JARDIM, 2003, p. 58). *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga é utilizada como dispositivo para o despertar

e o contristar da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo, pois de acordo com Paul Ricoeur, na afirmação de Jardim “O ato de leitura contribui para uma dialética entre o mundo do texto e o texto do leitor e a compreensão de si mesmo, dado que a compreensão de si é a narrativa, pois compreender-se corresponderá à apropriação da história da nossa própria vida” (JARDIM, 2003, p. 218).

Na obra, *A bolsa amarela*, a autora conta com humor a história de Raquel, uma menina muito atenta a tudo o que em passa a seu redor. Lembrando o enredo: Raquel é a filha mais jovem da família, portanto a única que ainda é criança. Uma diferença de dez anos a separa dos seus irmãos, por isto eles não lhe davam atenção. Eles consideram que as crianças não sabem grande coisa. Por se sentir muito só e oprimida, ela começa a escrever para os seus amigos: amigos imaginários, com os quais compartilhava três grandes desejos: ser um rapaz, crescer rapidamente e ser uma escritora. Certo dia, Raquel ganhou uma bolsa amarela, que foi enviada num pacote oferecido pela tia Brunilda e, desta forma, a bolsa passou a ser o refúgio ideal das suas invenções e das suas vontades. Tudo se acomodava lá dentro. A bolsa amarela acaba por ser a casa de dois galos, de um guarda-chuva-mulher, de um alfinete de segurança e de muitos pensamentos e histórias inventadas pela criança.

Raquel, através das suas histórias nos conta fatos do seu cotidiano, juntando o mundo real da família ao mundo criado pela sua imaginação, repleto de amigos secretos e de fantasias. Ao mesmo tempo que acontecem fatos reais e fantásticos, uma aventura espiritual se processa, e a protagonista vai de encontro à sua afirmação como pessoa, pois no enredo, surge a questão relacionada com o feminino e com a sua posição na sociedade, uma semelhança feita de estereótipos femininos.

A bolsa amarela: re(des)construindo a ideia preordenada

A Literatura é uma das vozes poderosas responsáveis pelas imagens que se constroem. Ela penetra no imaginário coletivo determinando e re(des)construindo a maneira como o indivíduo é aceito e tratado. De acordo com Marisa Lajolo (1997), a infância não se fala, porém a voz do outro no contexto narrativo da obra *Infância* é a que define.

Ao tratarmos as questões de gênero na Literatura, principalmente na infantil e na juvenil, podemos citar Lygia Bojunga Nunes como uma autora que elege a criança menina como personagem central na grande maioria de suas obras literárias. Podemos destacar em especial a obra *A bolsa amarela*, a qual ganha relevo na questão do reconhecimento do ser menina/mulher.

Logo na primeira página da narrativa de *A bolsa amarela* a vontade da protagonista em ser um rapaz dá-nos o norte que seguidamente encontraremos ao longo do enredo. Essa vontade vem complementada de outros fortes desejos: a de crescer e deixar de ser criança, mas também o de ser uma escritora. Mas, dos três desejos de Raquel, terão uma posição dominante e constante na narrativa de Bojunga: o de mulher/escritora e o da relação masculino/feminino. De fato, Raquel não se conforma em não poder desempenhar tarefas que só eram atribuídas aos rapazes e deseja, assim, libertar-se de um arquétipo de procedimentos que lhe foram imputados:

Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear e fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter tudo. Até para resolver casamento – eu não te vejo – a gente fica esperando vocês decidirem (BOJUNGA, 1976, p. 16).

O discurso da protagonista vem de encontro às preocupações e ao debate das mulheres na década de setenta, quando o movimento *hippie* tendo por ideal ideias de Betty Friedman, luta pela igualdade entre os sexos qualquer que fosse a sua raça, sexo ou cor. Pela voz de Raquel, a autora apresenta, do ponto de vista da infância, reflexões a respeito de uma sociedade patriarcal que trata a mulher como um “segundo sexo”. A vontade de ser menino só diminui Raquel quando ela se depara com uma família diferente na “casa dos consertos”. Um lugar em que os papéis sociais não são cristalizados e a questão da pluralidade identitária vem à tona. Os moradores dessa casa se alternam nas funções que, tradicionalmente, são atribuídas a homens e mulheres separadamente, ou seja, o homem cozinha, a mulher conserta panelas.

No entanto, no final da história, “a vontade de ser um menino emagreceu tanto que foi embora”, o que prova que Raquel assumiu a sua identidade feminina e, por isso, poderá

crescer normalmente. Por outro lado também, a menina obtém graças à escrita a concretização que busca na vida real. O mundo da fantasia passa a ocupar um lugar importante na sua vida, pois a vontade de escrever é a única que prevalece. A protagonista ao relatar que a sua vontade permanecerá e que por isto continuará a escrever sempre tudo o que desejar, reivindica deste modo, o seu direito à escrita. Aqui notamos que esta é também uma das questões levantadas por Nunes, pois naquela época, a mulher defrontava-se com a pesada herança do mito do escritor masculino. Em *Escritora, escritas, escrituras*, Norma Telles relata a dificuldade da mulher passar de poetisa à escritora, uma vez que esta função era atribuída aos homens. De acordo com o que diz a autora, a mulher para se assumir como escritora deveria “matar o anjo do lar, a doce criatura que segura o espelho de aumento, e teria que enfrentar a sombra, o lado do anjo, o monstro da rebeldia ou da desobediência” (TELLES, 2000, p. 408).

A protagonista ao mesmo tempo que adquire a sua identidade feminina acrescenta também o seu lado imaginativo e mostra que é possível ser mulher criadora, conseguindo libertar-se do papel insignificante destinado à mulher na escrita. Ainda neste contexto de identidade masculina/feminina existe outra personagem utilizada por Lygia Bojunga, em *A bolsa amarela*, para tratar este tema. De fato na obra, o galo Afonso é conotado com a visão masculina, expressa na questão seguinte: se as mulheres possuem realmente vontade de ser donas de si próprias, ou seja, se são capazes de viver o seu próprio destino:

Então eu chamei minhas quinze galinhas e pedi, por favor, pra elas me ajudarem. Expliquei que vivia muito cansado de ter que mandar e desmandar nelas todas as noite e dia. Mas elas falaram. «Você é nosso dono. Você é que resolve tudo pra gente.» Sabe, Raquel, elas não botavam um ovo, não davam uma ciscazinha, não faziam coisa nenhuma, sem vir perguntar: «Eu posso?» E eu respondia: «Ora, minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve você como você achar melhor», elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter dono mandando que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho (BOJUNGA, 1976, p. 35).

Esta problemática reflete, com alguma nitidez, o contexto social da época e o lugar da mulher que não tinha sido instruída para os novos desafios que lhe eram colocados. Em *A bolsa amarela*, “Rei” é o nome do galo que não quer mandar e “Terrível” é o galo-de-briga que quer a paz. Aqui vemos exemplos que se seguem por toda a narrativa de

Bojunga, que (te) matiza as questões de busca por uma marca própria, a discussão de uma direção, a contestação dos papéis pré-estabelecidos, as injustiças cometidas contra os “diferentes”. A personagem guarda-chuva, feminina por opção, contribui efetivamente para a aceitação de Raquel de sua identidade feminina:

– Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher?

E ele respondeu: mulher

O homem então fez um guarda-chuva menor que guarda-chuva homem. E usou uma seda cor-de-rosa toda cheia de flor. O cabo ele não fez reto não: disse que guarda-chuva mulher tinha que ter curva. E pendurou no cabo uma correntinha que às vezes guarda – chuva homem não gosta de usar. Fui andando e pensando que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar (BOJUNGA, 1976, p. 48).

Por meio da fala masculina que fez a guarda-chuva, reforça-se a ideia de que o feminino, o “ser mulher” é uma construção baseada na reprodução de características, gestos, modos que a sociedade atribui ao feminino. Porém essa nova identidade conflita com a identidade infantil. De acordo com Postman (1999) a noção da infância tal como a reconhecemos hoje é uma invenção social, oriunda do surgimento da prensa tipográfica, que popularizou o letramento, reconfigurou o papel do adulto e fez surgir a infância como fase que merece cuidados e preparação. Segundo o autor, crucial para essa reconfiguração social é o afastamento desses pequenos seres que hoje entendemos por criança de questões polêmicas como a violência, a morte, o sexo.

A convivência dessas identidades conflitantes ilustra o que Hall (2006) denomina de “descentramento” da identidade como um deslocamento da identidade central do indivíduo e também como uma reconfiguração com vários centros. Em 1976, numa entrevista, Beauvoir (1980) ressaltava que as mudanças pelas quais lutara não se realizariam durante a sua vida. Curiosamente, esse é o ano de publicação de *A Bolsa Amarela* que, como se pode observar, é uma obra literária brasileira que toca na mesma ferida da desigualdade entre os gêneros. Lygia Bojunga através de suas personagens nos mostra a convivência dessas múltiplas identidades.

Portanto, o domínio descritivo de Lygia Bojunga, o qual se manifesta a partir da infância, abrange temas adultos com os relatos de poder e rejeição e com a liberdade de

manifestação em contexto social. A autora dá argumentos ao leitor/criança para se identificar com as condições que dizem respeito às personagens infantis, criando-lhe uma identificação com os fatos, de forma a prender-lhe a atenção e desperta-lhe a sua fantasia e curiosidade.

Conclusão

A bolsa amarela permite o enriquecimento da vida do pequeno leitor ao estimular-lhe a imaginação, pois segundo Bruno Bettelheim (2006), para que uma história possa verdadeiramente prender a atenção do jovem leitor e para também lhe enriquecer a sua personalidade, tem de estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizadas às suas angústias e às suas aspirações.

É a partir da história de Raquel, uma garota que entra em conflito consigo mesma e com a família ao reprimir as suas vontades, que se enquadra a oposição à estrutura familiar ancestral. E essa menina, afetiva e sonhadora, conta-nos o seu dia-a-dia, onde o mundo real e mundo criado pela sua imaginação criativa, povoado de amigos ocultos e fantasistas, interligam-se ao mesmo tempo que os fatos reais e os fantásticos cruzam-se numa aventura anímica e mais íntima. É Raquel que segue rumo à sua auto-afirmação como pessoa.

Assim, *A bolsa amarela* prefigura e sugere uma postura de submissão da criança face às regras impostas pelos adultos, Raquel é de certa forma um brinquedo, objeto infantil nas mãos dos seus familiares, por isso, vai controlando os seus desejos dentro da bolsa. Neste momento da narrativa, os julgamentos contra as crianças e a mulher impostos pelos adultos vão sendo contraditos e questionados pela protagonista e evidencia-se através da sua leitura que a imagem feminina se revela sob vários aspectos.

A autora deixa à criança leitora a hipótese de construir a sua imagem e não pretende impor-lhe a possibilidade de um único perfil. A narrativa de Lygia Bojunga reveste-se de grande utilidade ao abrir pistas de reflexão sobre o papel do ser humano na sociedade e apela a cada leitor para que tome consciência da sua própria identidade.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BETTELHEIN, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand, 2006.
- BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Agir, 1976.
- CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil?* São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Direitos humanos e literatura*. In: FESTER, Antonio Carlos Ribeiro. *Direitos humanos e...* São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem do romance*. In: ROSENFELD, A. et al. *A personagem de ficção*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CRISTÓFANO, Sirlene. Definições e fronteiras em Lygia Bojunga: o equilíbrio ideal entre a liberdade e as limitações do real. *Revista Via Litterae*, Goiás, v. 2, n. 1, jan./jun. 2010. Disponível em: http://www.unucseh.ueg.br/vialitterae/assets/files/volume_revista/v1_v2_v1/22Definicoes_e_fronteras_em_Lygia_Bonjunga_SIRLENE_CRISTOFANO.pdf
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HELD, Jacqueline. *O imaginário do poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Sumus, 1980.
- JARDIM, Maria Antónia. *Da Hermenêutica à Ética em Paul Ricoeur*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2003.
- LAJOLO, Marisa. *Infância de papel e tinta*. In: FREITAS, Marcos César. *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- TELLES, Norma. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

Recebido em 31/03/2011
Aprovado em 31/05/2011